

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

BERVIQUE, Profa. Dra. Janete de Aguirre
Docente do Curso de Psicologia FASU / ACEG - Garça-SP – Brasil
e-mail: jaguirreb@uol.com.br

1. IDENTIDADE DA OBRA

MAY, Rollo **O homem à procura de si mesmo**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes Ltda., 1978.

2. NOTÍCIAS SOBRE O AUTOR

O Dr. Rollo MAY é o principal expoente da Escola Existencial-humanista nos Estados Unidos da América do Norte. Iniciou seus estudos psicoterápicos em Viena, e completou o seu doutorado e treinamento em psicoterapia na cidade de Nova York. Atualmente, possui clínica nessa mesma cidade. É, também, membro da Faculdade de William Alanson White Institute of Psychiatry, Psychoanalysis and Psychology e Presidente do Conselho de Psicólogos do Estado de Nova York. É igualmente famoso como escritor, pela invulgar sensibilidade, simplicidade e clareza de expressão, atributos estes que o colocam entre os mais lidos psicólogos do mundo. Pela sua bem sucedida experiência clínica como psicoterapeuta, Rollo MAY está colocado entre os “papas” da psicoterapia de orientação fenomenológica-existencial. Dentre os seus principais livros, Psicologia e dilema humano, Eros e repressão, e O homem à procura de si mesmo contam como os favoritos não só dos psicólogos e estudantes de Psicologia, como também do público não-especializado.

3. BREVE RESUMO DA OBRA

A temática central da presente obra é a solidão e a ansiedade do homem contemporâneo, que experimenta, de maneira aguda, a problemática da perda de certezas na atual sociedade em mutação. A fim de que o homem recobre a coragem de viver, o gosto pela vida e assuma a sua liberdade de modo consciente, sugere valores e metas, e propõe soluções em cujo cerne

está o próprio esforço de cada um para escapar às pressões e condicionamentos, e para tornar-se outro. Sustenta a sua convicção quanto à necessidade de o homem procurar a sua própria realidade interior, como o único ponto de apoio sólido e verdadeiro, para poder sobreviver no atual momento sócio-histórico, marcado por uma aguda crise de valores e pela queda de padrões espirituais. Diante do quadro resultante dessa sucessão e interpenetração de tantos eventos desumanizantes, ele ressalta a sua convicção de que o homem só poderá superá-los superando-se; para tanto, MAY crê que é necessário buscar as origens do AMOR e da VONTADE, e viver numa perspectiva de ESPERANÇA.

3.1. Aspectos mais interessantes

A colocação do autor de que “o verdadeiro problema das pessoas de nossa época (...) é tornar-se capaz de amar” (p. 198). Refere-se ao amor como um fenômeno relativamente raro no mundo atual e define o fingimento e a hipocrisia como os principais obstáculos ao aprendizado do amor. Coloca a autopercepção e a liberdade como os pressupostos básicos da capacidade de amar e afirma que “na sociedade contemporânea existe todos os tipos de dependência fazendo-se passar por amor...” (p. 201). Conclui o seu “PREFÁCIO AO AMOR” com um pensamento alentador e, ao mesmo tempo suscitador de profunda reflexão: “O aprendizado do amor será mais seguro se tentarmos persuadir-nos de que é fácil, e se formos bastante realistas para abandonar os aspectos ilusórios que se fazem passar pelo amor, numa sociedade em que tanto se fala neste sentimento, mas que tão pouco o experimenta” (p. 205).

3.2. Aspecto mais importante

A autoconsciência como característica singular do homem, que o capacita a “ver-se do exterior” e na qual está “a origem das mais altas qualidades humanas” (p. 70). A autoconsciência está no centro do processo de realização das potencialidades que fazem do ser humano uma PESSOA: “ela constitui os rudimentos da capacidade para amar ao próximo, ter sensibilidade

ética, considerar a verdade, criar a beleza, dedicar-se a ideais e morrer por eles, caso necessário” (p. 71). O conceito de autoconsciência é inseparável do de “self” e com ele se confunde, pois que “o ‘self’ é a função organizadora no íntimo do indivíduo, por meio da qual um ser humano pode relacionar-se com outro”. É, podemos dizer, a consciência da própria identidade, que é, para o homem, a sua experiência mais simples e, ao mesmo tempo, mais profunda. “O ‘self’, portanto, não é a simples soma dos ‘papéis’ que representamos – é a capacidade graças à qual sabemos que representamos tais papéis...” – (p. 77) e que nos assegura que podemos fazer nossas opções e tomar nossas decisões como indivíduos independentes – “a individualidade é uma das facetas da autoconsciência” (p. 78).

4. METODOLOGIA

A fim de proceder a abordagem da problemática da solidão e da ansiedade do homem contemporâneo, Rollo MAY parte de sua própria experiência clínica como psicoterapeuta, colocando em segundo plano os “comos” e “porquês”; e no centro A PESSOA EXISTENTE – para ele, a mais importante de todas as coisas, uma vez que procede consoante a orientação fenomenológica-existencial. Afasta-se, assim, da metodologia determinista dominante na Psicologia norte-americana, na qual prepondera a tendência de observar os fenômenos e reduzi-los ao esquema de causa-efeito. Em vez disso, opta por experienciar os fenômenos, em sua realidade total, como eles se apresentam, com uma atitude de abertura, de naturalidade disciplinada, mas crítica, que permita compreender esses fenômenos na sua real significação.

5. LEVANTAMENTO CONCEITUAL

Dos vários conceitos trabalhados pelo autor para desenvolver a sua abordagem da temática central, especificaremos, a seguir, aqueles que são os mais relevantes à compreensão da obra, segundo o nosso ponto de vista:

- VAZIO INTERIOR: “resultado acumulado, a longo prazo, da convicção pessoal de ser incapaz de agir como uma entidade, dirigir a própria

vida, modificar a atitude das pessoas em relação a si mesmo, ou exercer influência sobre o mundo que nos rodeia” (p. 22).

- SOLIDÃO: “sensação de isolamento que ocorre quando a pessoa está vazia e amedrontada, porque teme perder a experiência de relacionamento com seus semelhantes, na qual adquiriu a sua primeira experiência do ‘self’; parte da sensação de isolamento resulta de que o homem precisa relacionar-se com outras pessoas a fim de orientar-se” (p. 25).
- ANSIEDADE: “reação básica do ser humano a um perigo que ameaça a sua existência, ou um valor que ele identifica com sua existência” (p. 34). O que nos ameaça é algo vago, indefinido, e ficamos sem saber o que fazer para nos defender ou enfrentar o perigo.
- AUTOCONSCIÊNCIA: “capacidade para ver-se do exterior” (p. 70).
- “SELF”: “função organizadora no íntimo do indivíduo, por meio da qual um ser humano pode relacionar-se com outro” (p. 75). Configura-se a partir dos primeiros relacionamentos da criança no meio familiar.
- EVOLUÇÃO: “processo de diferenciação partindo da ‘massa’ para a liberdade individual” (p. 98). É consciente e, até, penoso.
- LIBERDADE: “é a capacidade de o homem contribuir para a sua própria evolução (...) não é apenas uma questão de dizer ‘sim’ ou ‘não’ diante de uma decisão específica: é a força de amoldar e criar a nós mesmos” (p. 134 e 137).
- CORAGEM: é um estado interior e não ações externas; “é a aptidão para enfrentar a ansiedade que surge na conquista da liberdade” (p. 187).
- AMOR: “um encantamento na presença da pessoa amada e uma afirmação de seu valor e evolução em grau idêntico ao nosso. Assim há sempre dois elementos no amor: o valor e o bem da pessoa amada e a nossa alegria e felicidade em relação a ela” (p. 201). Amar pressupõe autoconsciência e liberdade; essencialmente, significa “dar” e o “dar” somente se efetiva na proporção da maturidade do conceito de si mesmo e na medida em que se é independente.

6. CONCLUSÕES POSSIBILITADAS PELA LEITURA DA OBRA

- 6.1. A solidão e a ansiedade são as “doenças” dominantes que acometem o homem contemporâneo, premido pelas múltiplas pressões de uma sociedade em mutação.
- 6.2. O sentimento do “self” ameaçado faz com que o homem exiba comportamentos neuróticos defensivos.
- 6.3. As múltiplas solicitações decorrentes do avanço tecnológico e a paralela crise dos valores espirituais conduzem rapidamente à desintegração da personalidade, e a conseqüente perda do sentido do valor e da dignidade do ser humano.
- 6.4. Ao lado da perda da linguagem de comunicação pessoal e do senso de valores, o homem perdeu o senso do “self”, o senso do humor e o senso do trágico.
- 6.5. O processo de tornar-se pessoa não é simples e fácil, podendo acarretar ansiedades e crises íntimas profundas, mas, por outro lado é a experiência mais profunda de nossa vida.
- 6.6. A evolução humana não é um processo automático; sendo a busca de sua plenitude, o homem deve agir com autoconsciência e autodeterminação, para evoluir em todos os sentidos e integradamente, a fim de conquistar a liberdade individual.
- 6.7. A liberdade é indivisível e é uma conquista pessoal de cada um, pois implica a abertura e a disposição para evoluir, para contribuir conscientemente nesse processo de auto-superar-se, de tornar-se outro. Ou o homem se liberta integralmente, ou a sua liberdade é uma farsa.
- 6.8. A esperança está no amor, como a chave da integração e da libertação, pois que, apenas no amor, as pessoas se reconhecem como sujeitos (Je-Tu, Martin BUBER), senhores de seu próprio “destino” e agentes de sua própria história.